

## A CANNABIS DE “CÓLON”

**Janaina Alexandra Capistrano da Costa**<sup>1</sup>



Todo monumento é um lugar de memória. O “Mirador de Colón”, na cidade de Barcelona, na Espanha, é um desses lugares. A grande escultura que o representa possui muitos símbolos, dos quais quero destacar quatro. Acredito que através dessas imagens podemos acessar o passado do chamado “descobrimento” e da colonização europeia na América, fazendo uma ponte com o atual contexto do proibicionismo. Afinal, atualizar o passado significa atualizar algo comum à memória e ao presente.

A imagem ao lado nos dá uma ideia da dimensão total do monumento que está localizado em frente ao antigo Porto e ao final da “Rambla”, um tipo de calçada arborizada que liga ao mar a “Plaza Catalúnya” e o “Paseo de Gracia”, dois lugares estrategicamente localizados na chamada “Ruta del Modernismo” de Barcelona. A posição de Colombo no topo

do monumento talvez seja o que mais chama a atenção. Durante alguns dias observei como os turistas mimetizavam o “descobridor” quando realizavam seus

---

<sup>1</sup>Professora do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Tocantins - UFT, doutoranda em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, (CAPES 11094-13-3).



registros fotográficos. Outra prática comum observada foi a de se sentar no dorso da estátua de algum dos oito leões que circundam a base da estrutura monumental para fotografar. Uma experiência que consegui captar através do meu próprio registro fotográfico que compartilho com o leitor. Apontar para o mar e domar leões, essas eram as performances preferidas dos visitantes do local.

Perto dali, na sala de exposição nº 3 do “Hash Marihuana Cáñamo & Hemp Museum”, na chamada “Sala Industrial”, há uma referência à dois ramos de cannabis, como sendo a folhagem presente numa composição

com um brasão e uma âncora situada próxima à base da coluna da escultura em questão. Segundo o guia impresso do museu, a presença do “cáñamo” nessa estrutura simboliza o fato de, depois da madeira, este ter sido o principal material utilizado na construção e manutenção dos navios empregados na empresa de além-mar. O “cáñamo” foi usado para a fabricação de roupas para a tripulação, de velas, cordas e juntas para os navios, além de óleo e papéis, incluindo a confecção de diários de bordo e bíblias. Durante a expansão marítima e comercial europeia, essa matéria prima chegou a constituir-se num fator incidente no equilíbrio do sistema internacional. As sementes da planta chegaram à América e foram cultivadas na tentativa das metrópoles atenderem suas necessidades, Portugal instalou no Brasil em 1783 a Real Feitoria de Linho Câñamo e financiou hortos no sul do país, no Rio de Janeiro, na Bahia, no Amazonas, no Pará e no Maranhão. A Inglaterra, por sua vez, a fim de conquistar a hegemonia marítima se apoiou na produção dessa matéria prima e seus derivados em colônias como Canadá, Virgínia e Nova Inglaterra. Entretanto, esta conquista ocorreu somente depois da ocupação da Jamaica em 1670, ou seja, após a transformação dessa colônia num campo de cultivo escravo da

planta e entreposto de escravos vendidos a diferentes zonas da América. No século XVIII, Napoleão Bonaparte ainda teria tentado impedir que subsídios externos da planta chegassem ao principal inimigo francês, a Grã-Bretanha. Tentou proibir o consumo no Egito em 1800 e em 1812 tentou invadir o maior produtor mundial de “cânhamo” na época, a Rússia, fracassando nas duas tentativas (ESCOHOTADO, 2008; CASTILLA, 2007; CÂNHAMO, 2014).

Das plantas de cannabis que chegaram na América e suas variedades, foram feitos diferentes usos, alguns já conhecidos e outros inventados (CÂNHAMO, 2014; RASTAFARIANISMO, 2008). A situação de domínio, porém, serviu para definir o que era lícito e o que era ilícito dentro desses usos e algumas formas, principalmente aquelas associadas às práticas de grupos sociais subalternos, geralmente negros e índios, foram condenadas e marginalizadas. Esta atitude justificava-se em nome da ordem social, mas também municiava-se num ideal eugenista de sociedade.

A postura de dominação e catequização assumida pelos colonizadores está simbolizada por outros dois símbolos dos quatro que quero destacar. Estes estão localizados na parte inferior do monumento e fazem parte de um conjunto de quatro estátuas dedicadas a personagens de origem catalã que participaram da empresa de Cristovão Colombo. Uma das estátuas representa o investidor Luis de Santángel com um cofre nas mãos e uma bolsa de dinheiro na cintura; outra representa Jaume Ferrer de Blanes, cartógrafo responsável por desenhar um novo mapa mundial depois do descobrimento. As duas estátuas que me interessa sublinhar, porém, retratam o outro e sua posição, são a do militar Pere de Margarit, que participou da segunda viagem de Colombo à América e a do “diplomático, vicário e apóstolo das Índias”, BernatBoit. A posição de submissão do índio é característica comum nos dois registros, primeiro diante da força e altivez militar e depois das ideias e graça católica. O nativo encontra-se de joelhos no chão, a um deles lhe resta da face apenas os órgãos de um olhar perdido e o outro sustenta com as duas mãos uma cruz que beija. Os espanhóis estão em posição de “auto-exaltação em sua grandeza” (SLOTERDIJK, 2008, p.62).



Essa posição de “auto-exaltação em sua grandeza” reflete um entusiasmo derivado da “individualização do herói”, ensina-nos o filósofo alemão Peter Sloterdijk (2008, p. 27-85), desde sua perspectiva psico-histórica e fenomenológica. Desde esse ponto de vista, no quarto e último símbolo parece ser ainda mais evidente essa característica. Trata-se de Cristovão Colombo, ele está no topo, com o indicador e o braço direito estendidos apontando para adiante, com os olhos no horizonte e uma carta de navegação na mão esquerda.

A individualização, segundo Sloterdijk (2008), é uma disposição do homem no mundo, que sofre a influencia da forma como cada um reage face ao assombro de reconhecer-se uno no mundo e da forma como o ser é no seio materno, de como ele é no seio do mundo, de como realiza o trânsito de um estado a outro e, finalmente, se esses seios são mais ou menos duros e/ou suaves. Dispõe-se “à tarefa de existir”, que

resistência se  
a partir do  
homem no m  
tornou-se aut  
“principio de g  
do parentesc  
dificuldade d



forço e  
filósofo,  
m pelo  
a vida  
ção” pelo  
ortância  
enfim, a  
e dos



mortos. Esse processo teria avançado num continuum de rupturas com os “sistemas coercitivos de pensamento mítico da origem”, quando, no ponto máximo da pressão do mal estar no mundo, o homem blasfemou contra leis antigas e sagradas dando impulso, assim, à modernidade e à formação de um “futuro maníaco e construtor de história” (SLOTERDIJK, 2008, p. 34, 50-65). Neste “cerco” –como animal sem saída – o homem busca uma saída seguindo basicamente dois impulsos: o impulso contra si, melindrosos e hipocondríacos, e o impulso do heroísmo, heróis e profetas<sup>2</sup>. Estes últimos seriam os que dinamizam um forte impulso para adiante, mediante seus esforços para resistir e “fazer-se um nome mediante fatos e lutas”. Este seria o caminho da ânsia pela ascensão, da “obsessão pelo alto”, de exigências maníacas de esforço e da submissão da extática à sobriedade da retórica e dos ofícios. Entusiasmados por poesias que versam sobre as possibilidades humanas, histórias de heróis, profetas e santos, “na língua como melos, mitos y logos os homens convidam seus semelhantes a converterem-se em homens”, aquele que aceita o convite cai no centro do processo de humanização e a essa “força demiúrgica da língua”, Sloterdijk chama de “promessa”. Segundo o autor, “uma parte importante e historicamente influente da humanidade está na saída para o futuro como espaço de todas as melhoras” (SLOTERDIJK, 2008, p. 40-45).

Ainda segundo Sloterdijk (2008, p.60), após Colombo, o autocerco do eurocentrismo atinge a escala planetária. Podemos perceber isso nos símbolos aqui referidos. Além disso, os representantes desse cerco são analisados como exemplos de individuação do herói, deste modo, o monumento parece ser uma representação da “promessa”, “a memória do caminho até o alto”, a memória como órgão da história (SLOTERDIJK 2008,p. 77). Contudo, quando pensamos na condição de sujeição de negros africanos e índios à lógica do interesse da metrópole, e depois associamos os descendentes desses grupos com os grandes desfavorecidos e marginalizados em nossa história presente, fica complicado imaginar as condições nas quais todos esses indivíduos poderiam perseguir a promessa heroica e profética num cerco tão duro. Na verdade, essa não era uma possibilidade, a não ser como

---

<sup>2</sup>Haveria um terceiro impulso, o dos “buscadores” em sociedades altamente modernizadas, mas não tratarei dele. Um fenômeno das “culturas avançadas” segundo Sloterdijk (2008, p. 16).

rompimento do cerco, e hoje, se há alguma possibilidade nesse cerco, a mesma exige grande criatividade e sobrecarga de esforços dos que se encontram mais “em poder das coisas do que donos do seu destino”. Ao final, diz Sloterdijk (2008, p. 57-59, 66): “cabe à maioria a conclusão de que tudo foi fadiga e trabalho”. Assim, o cerco moderno chega a um fechamento sistemático e cada vez mais angustiante, num mundo sem muitas esperanças, próximo da depressão, principalmente quando todos os esforços levam à sensação de fracasso.

Tanto a depressão, ou a sensação de não ter saída, quanto a busca de saídas, podem despertar o interesse do homem pelas “drogas”. Sabemos, por exemplo, que muitas das sementes de cannabis foram trazidas para o Brasil pelos próprios negros para, através do consumo da erva, superar a fadiga e se fala, inclusive, de seu uso religioso por vertentes do candomblé. Gilberto Freire em seu livro: “Nordeste” narra o uso do cigarro de cannabis pelas pessoas simples do Recife. Capitais como Salvador-BA e São Luís-MA possuem atualmente culturas urbanas do reggae que fazem uso regular e ilícito da cannabis. Hoje, o Paraguai é o maior produtor de maconha da América do Sul, o Uruguai legalizou a planta recentemente e a Jamaica desenvolveu uma cultura religiosa, o rastafarianismo, que a utiliza como sacramento. Aliás, este grupo teve papel político fundamental no desfecho do processo de independência desse país que se deu somente em 1958, na medida em que sua narrativa valorizava uma identidade nacional. Finalmente, evoco estas citações dispersas para ilustrar a ideia de que, a partir de reações ao próprio cerco heroico, (re)surgem usos e costumes resistentes que tencionam a relação com os padrões hegemônicos de conduta. O consumo da planta cannabis sativa permaneceu, se estima que 250 milhões de pessoas fazem algum uso dessa planta. Todavia, seu papel mudou bastante, por enquanto, ela é mais uma ameaça ao cerco do que uma aliada. Os contos heroicos descritos no discurso proibicionista se referem a aqueles que souberam dizer não às “drogas”, ou que heroicamente se livraram das “drogas” e sobreviveram. Essa linguagem também reforça a sobriedade da retórica e dos ofícios, sendo, ademais, esteio da medicina e da farmácia. Às vezes é preciso apontar para o próprio nariz!

## REFERÊNCIAS

CÂNHAMO “Um pé de que?” Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=G36x-LhszP4>> Acesso em 20/05/2014

CASTILLA, Alicia. **Cultura Cannabis**. 1ª Edição. Buenos Aires: Edições Interzona, 2007.

ESCOHOTADO, Antonio. **História general de las drogas**. Madrid: ESPASA, 2008.

POZO, J. **História da América Latina e do Caribe**. Petrópolis: Vozes, 2009.

RASTAFARIANISMO Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe. São Paulo: Boitempo, 2008.

SEIXAS, Jacy Alves de. **Os campos (in)elásticos da memória**: reflexões sobre a memória histórica. In: BRESCIANI, Maria Stella; BREPOHL. Razão e paixão na política. Brasília: UNB, 2002..

SLOTERDIJK, Peter. **Extrañamiento del mundo**. Valencia: Pré-Textos, 2008.